

## REFLEXÕES SOBRE A LEITURA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Daniele Rodrigues NUNES – UNIOESTE<sup>1</sup>

**RESUMO:** O ensino de idioma no ensino regular muitas vezes encontra dificuldade em incentivar os alunos na importância da aprendizagem de uma nova língua. Limitar as aulas a conteúdos gramaticais pode desanimar os estudantes no momento do aprendizado do novo idioma. O ensino a partir da leitura seria aproximar o aluno da cultura que rodeia aquela nova língua, e, quando mesmo distante do país falante daquele idioma estudado, hoje em dia, com a Internet, escritos de variados gêneros estão à disposição na distância de um clique. Pensando nisso, queremos debater neste trabalho a importância do uso da leitura nas aulas de idioma. Discutindo as dificuldades e facilidades desse método no ensino. Para isso, fizemos um breve estudo teórico sobre o assunto, recorrendo a alguns autores como Pastor (2006) e Rosalva (2012). Assim, percebemos que a leitura de textos (literários ou não), aproximam o estudante desse ‘novo’ mundo cultural que o novo idioma está agregado, afinal, a língua não é algo isolada, faz parte de um contexto cultural, sociológico e temporal, ter isso em mente na hora do ensino faz total diferença nos resultados alcançados.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura; língua estrangeira; ensino de idioma.

### 1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Estrangeira (LE) é uma problemática evidente nas escolas, afinal as aulas de idiomas geralmente são ignoradas pelos alunos por serem desinteressantes e repetitivas (CARMAGNANI, 1987), e quase nunca são capazes de cumprir seu papel que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é “[...] ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais” (BRASIL, 2006, p. 91).

Mas, historicamente, o brasileiro foi desencorajado ter contato com idiomas estrangeiros, desde a formação do país na dominação dos portugueses as línguas locais foram oprimidas como forma de poder. Apenas com chegada dos jesuítas, anos depois, o ensino de idiomas nas escolas começou a fazer parte do ensino regular (no primeiro momento tendo o foco das línguas clássicas como grego e

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Scripto Senso* em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Email: drnunesjp@gmail.com

latim) e posteriormente com a chegada da família real portuguesa ao Brasil os idiomas modernos foram agregados (inglês, francês e alemão) (LEFFA, 1999).

Mas então, na era Vargas, ocorreu a segunda ‘opressão’ aos idiomas estrangeiros no país. Já que nos anos anteriores muitos imigrantes da Europa vieram em busca de trabalho, agora o governo temia que essas comunidades se organizassem em motim e proibiram de se falar outro idioma que não fosse o português (FINARDI; PINHEIRO; PORCINO, 2019). Com o passar dos anos e mudanças políticas, a chegada de novos imigrantes se tornou crescente no país, tendo até grandes comunidades de culturas estrangeiras no Brasil, como italianos e alemães no sul do país. Contudo, não há políticas linguísticas para integrar esses idiomas, pelo contrário, nas escolas o que acontece é o ensino do idioma inglês como uma tentativa do país de se integrar ao mundo globalizado, e ignorando as línguas minoritárias que são realidade no país (FINARDI; PINHEIRO; PORCINO, 2019).

Ainda que o idioma inglês esteja presente no currículo de grande parte das escolas brasileiras, o ensino ainda enfrenta dificuldades. Formalmente, o ensino de LE deve propiciar a formação do aluno para além da língua puramente como um código linguístico, mas também auxiliar o desenvolvimento crítico do estudante. Mas professores, geralmente, elencam que o problema das aulas de LE está relacionado a falta de material didático, poucas horas de aula semanalmente, desmotivação dos alunos e falta de formação continuada dos professores entre outros (SCHLATTER, 2009).

Por isso é necessário novas estratégias no ensino de LE para auxiliar professor e alunos nas aulas de idiomas. Pensando nisto, sugerimos a leitura, prática já comum nas aulas de língua portuguesa e que faz parte das quatro competências que englobam o ensino de idioma (leitura, escrita, oralidade e escuta), mas que é pouca aprofundada nas aulas de LE.

## **2 LEITURA EM SALA DE AULA**

Nesta pesquisa vislumbramos a leitura como uma atividade crítica, ou seja, a leitura não apenas como transferência de mensagem, mas como afirma Rosafa (2012), uma construção induzida de sentido. Dessa maneira, deixa-se de lado a leitura como simples decodificação, para uma estruturação de sentido a partir do entendimento do leitor. Claro que não se pode apagar aqui a importância da decodificação para o entendimento do texto, mas o que propomos, assim como fala Freire (1989, p.9), é uma leitura como “[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

Essa ‘inteligência do mundo’, citada por Freire é o conhecimento que o leitor traz consigo das experiências vividas no decorrer da vida, e que influenciarão na formação do sentido do texto na hora da leitura. Dessa forma, entende-se o leitor como sujeito ativo, que dá sentido aquilo que lê a partir das suas experiências de vida, e não apenas um sujeito oco, tábua rasa, sem conhecimento algum. Afinal, o texto não chega pronto ao leitor, pelo contrário, é necessário agregar a vivência do leitor à prática de leitura para que o texto ganhe sentido (ROSAFA, 2012). Goodman (1987) complementa ao dizer que “toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori, ou seja, antes da leitura” (GOODMAN, 1987, p.15). Dessa forma, a construção do sentido dependerá diretamente do próprio leitor, sendo que o mesmo texto por uma turma inteira, terá várias interpretações.

Alguns autores como Freire (2006) e Menegassi (2010) ressaltam a importância do ato de ler para a formação do sujeito, uma vez que, além de ampliar seus conhecimentos, torna-o mais envolvido socialmente. Assim, ao mesmo tempo que a leitura é individual, é social, pois, como afirma Brito (2010), “o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida” (BRITO, 2010, p.3).

Além disso, a leitura forma um pensamento crítico nos leitores e contribui significativamente com sua formação política e ideológica das pessoas. Nas palavras de Silva (2003),

nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, 2003, p. 24).

Desse modo, é possível observar que o estudante precisa ler para adquirir bagagem, e criar mais experiências, consequentemente mais conhecimento de mundo ele terá para construir o sentido da próxima leitura. Esta prática na aprendizagem de LE não é diferente. Pelo contrário, agregar a leitura (principalmente de material autêntico) como prática constante nas aulas de idioma propicia o contato com essa nova cultura de forma ativamente ligado ao seu aprendizado.

### **3 LEITURA NAS AULAS DE LE**

Com objetivo de integrar o estudante a cultura que rodeia a língua aprendida, a leitura possibilita esse contato direto com idioma, sem se valer apenas de decorar estruturas linguísticas, mas sim, pensar no aprendizado do idioma como “um processo de transformação, de mudança, e que envolve muitos fatores” (PAIVA, 2014, p.150). Mesmo assim, ainda ocorre o questionamento sobre o uso da leitura nas aulas de LE, pois muitos alunos aprendem um idioma para a comunicação, que geralmente tem como foco a oralidade. Mas a linguagem escrita é o meio de veiculação de conhecimento mais privilegiado pela academia. E com a Internet, somos convidados a escrever diariamente nos *smartphones* e computadores para a comunicação em fóruns e redes sociais. Dessa forma, limitar-se ao estudo gramatical seria suficiente para o aprendizado de um novo idioma e posteriormente a comunicação?

Vale ressaltar que a leitura é a habilidade cobrada nas provas de línguas estrangeiras nos exames de admissão em cursos do ensino superior como o próprio ENEM, sendo essencial que a escola possibilite o acesso do estudante a essa

prática no aprendizado em sala de aula, assim como o ensino de redação e outros conteúdos com foco nessas provas admissionais (PAIVA, 2000).

Mas se os estudantes já possuem dificuldade na leitura na língua materna, a leitura na LE também é problemática. Afinal, o aluno precisa lidar com um código verbal novo, e ainda formar sentido do texto. Dessa forma, segundo Carmagnani (1987), os professores acabam partindo do “pressuposto que obteriam melhores resultados concentrando-se no código mais do que no conteúdo” (CARMAGNANI, 1987, p. 55).

O que muito se vê em sala de aula é o uso do texto para um meio de desenvolver outras habilidades, principalmente a oralidade e memorização de estruturas gramaticais. Essa simulação da leitura não é trabalhar a leitura, mas sim uma forma artificial de utilizar esta prática. Geraldi (1985) critica esse método muito utilizado na escola, afirmando que “comprovar a artificialidade é mais simples do que se imagina: na escola não se escreve textos, produzem-se redações. E esta nada mais é do que simulação do uso da língua escrita” (GERALDI, 1985, p.78).

Na escola a leitura de textos ocorre para responder um questionário pré-definido ou fazer um resumo já com estrutura pronta, ou, no caso de língua estrangeira, fazer traduções com o auxílio de dicionários. Desde modo, o questionamento de porque a escola não consegue formar leitores mostra a falha dentro de sala de aula na própria disciplina de Língua Portuguesa. E assim, esses estudantes que já mostram dificuldade de leitura na língua materna prevalecerá o problema nas aulas de idiomas.

Alguns professores não utilizam a leitura em sala de aula agregado ao seu método de ensino exatamente por elencar essas dificuldades dos estudantes, que afirmam que eles não possuem conhecimento suficiente para ler textos. Mas essa prática pode ser de grande auxílio aos próprios professores, pois permite uma maior flexibilidade ao se olhar para turmas grandes – que é a grande realidade das escolas públicas no Brasil. Ao contrário das atividades orais, que necessitam de uma maior atenção do professor e trabalho com grupos menores, a leitura é ideal para discussão com grande número de alunos, fazendo com que o estudante se torne ativo no seu próprio aprendizado, afinal “na leitura, o diálogo do aluno é com o texto.

O professor, mero testemunha deste diálogo, é também leitor e sua leitura é uma das leituras possíveis” (GERALDI, 1985, p.81).

Dessa forma, a leitura pode ser uma prática de grande ganho nas aulas de LE, mas para que isso ocorra, é essencial que o professor conheça o nível de aprendizado seus alunos, para que quando os estudantes entrem em contato com a leitura, isso ocorra de forma proveitosa e não como mais um empecilho para o aprendizado do idioma estrangeiro.

Lógico que é importante lembrar que ao apresentar a leitura como prática nas aulas de LE, não se espera que as outras 3 habilidades sejam esquecidas. Pelo contrário, priorizamos a leitura porque historicamente essa habilidade já é deixada de lado ou utilizada de forma errônea e é o equilíbrio entre as 4 que possibilitará que o estudante crie conexões linguísticas que o levarão para a aprendizagem do idioma meta.

### 3.1 MATERIAIS PARA AULAS DE LE

Mas então ainda permanece o questionamento: Quais textos levar para sala de aula no ensino de língua estrangeira? Infelizmente, as aulas de idiomas ainda estão por muitas vezes restritas ao uso do livro didático ou apostila de curso de idioma, que por sua vez não contempla os textos literários (SANTOS, 2011). O foco em sua maioria são as atividades que envolvem conteúdos gramaticais e de vocabulário e os textos literários se limitam as aulas de cultura. Mas, se queremos que o ensino de idioma seja o mais ‘natural’ possível, é necessário levar para a sala material autêntico, ou seja, materiais que foram elaborados no país do idioma falado com objetivo específico, real, e não apenas para ensinar o idioma.

O material elaborado para as aulas geralmente foi feito com objetivo de ensinar o idioma, e não há problema em utilizar esse material, mas não se pode limitar a eles.

Alguns autores, como Silva (2017), defende a ideia de que esse material autêntico não necessariamente significa intocado, ou seja, o professor pode fazer a adaptação para a aula, desde que ele não perca sua essência e que ainda carregue



em si as características da originalidade. Edelhoff (1985) complementa que a autenticidade desse material acarreta na identificação da situação autêntica que ela pertence, por isso que essas adaptações, mesmo que bem vindas, não podem deixar de representar sua representação original.

Tipo de material autêntico de LE são os próprios textos literários, em suas diversas formas, desde romances, a poemas, contos e outros gêneros que podem estar presente nas aulas de idioma. Santos (2011), porém, afirma que ocorre a dúvida de quão autêntico um texto literário pode ser afinal muitos o consideram mera ficção, mas a literatura está diretamente ligada a fatos culturais e históricos, pois faz parte de um recorte sociocultural de um lugar específico.

Mesmo assim, Pastor (2006) salienta que o uso da literatura em sala de aula é um assunto ainda debatido, e que um dos motivos da pouca incidência do uso desses textos é a dificuldade linguística do aluno. Fillola (2002) complementa que “os textos literários costumam estar um tanto relegados, devido ao fato de considerar que o discurso literário é uma modalidade complexa e elaborada de pouca incidência nos usos mais frequentes do sistema da língua” (FILLOLA, 2002, 114).

Para sanar esse problema é necessário que para as aulas seja feito uma boa seleção dos textos literários a serem utilizados. Afinal, até mesmo os próprios nativos enfrentam dificuldades em determinados textos do tipo. Por isso que os professores precisam estar preparados na hora da escolha do material que será utilizado em aula, levando em consideração os alunos e as particularidades que envolve a turma.

Pensando nisso, se espera que o aluno de idioma “converta a leitura do texto literário em uma atividade de descobrimento e experiência vital, afinal até os próprios falantes nativos também se sentem limitados ao fazer isso (PASTOR, 2006, p. 350, [tradução nossa]). Dessa forma, não se deve restringir os textos literários apenas as aulas avançadas, pelo contrário, o aluno interagir com a literatura desde o básico ocorrendo assim ganho de vocabulário autêntico e observação da estrutura real da língua estudada. Afinal, além do conhecimento literário, esses textos propiciam um contato com essa nova cultura, fazendo com que a aprendizagem do

idioma não se limite a noções linguísticas, mas a outros aspectos que envolvem aquela língua, que é viva, não apenas um conjunto de palavras no livro de gramática.

Interessante salientar que ao se levar em consideração a realidade do nosso país, com a pouca exposição ao idioma estudado, a leitura é uma grande fonte de contado com essa nova língua (PAIVA, 2000). Com exceção das cidades fronteiriças, dificilmente será possível ter contado direto com o idioma se não for de forma indireta. E com a leitura, é possível interagir com esse conteúdo de forma mais natural, principalmente ao se utilizar material autêntico.

Com a Internet é possível ter acesso a diversos materiais do mundo inteiro. Livros, recortes, jornais, vídeos, tudo ao alcance de um clique. Cabe ao professor selecionar quais, dentro dessa infinidade de opções, é viável para se trabalhar em sala de aula. Levando em consideração fatores como idade dos alunos, nível de aprendizado e até mesmo interesse da turma em assuntos específicos. E ainda utilizando o ambiente digital, é possível que o estudante possa compartilhar sua opinião sobre o texto lido com outros aprendizes do idioma e até mesmo falantes nativos da língua, em comunidades ou nas redes sociais. Isso reflete a ideia de que a aprendizagem de um idioma estrangeiro possibilita ao estudante o contato com essas novas culturas e percepções de mundo. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica—Língua Estrangeira Moderna (2008, p. 53)

torna-se fundamental que os professores de língua estrangeira compreendam que ensinar e aprender línguas é também ensinar e aprender percepções de mundo e maneiras de atribuir sentidos, é formar subjetividades, é permitir que se reconheça no uso da língua os diferentes propósitos comunicativos, independente do grau de proficiência atingido (DCE, 2008, p. 55).

A leitura possibilita o contato com essa nova cultura de forma autêntica, desde que professor e aluno estejam dispostos a imergir nesse novo mundo. Assim, o professor, não como detentor do conhecimento, mas facilitador, irá guiar o aluno nessa atividade que pode ser prazerosa e por fim, recompensadora, encontrando novas cores e rostos (PASTOR, 2006). Sendo a demonstração de aspectos



estruturais, culturais e sociais de um povo, capaz de auxiliar o estudante a desbravar a nova língua, o novo mundo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender um idioma não se limita a regras gramaticais, mas um conjunto de práticas complexas que envolvem, de diversas formas, o contato com àquela língua estudada. Por isso, neste trabalho, propomos o uso da leitura em sala de aula, para que o estudante possa, a partir do texto, ter contato com aquele idioma. Mas não o uso do texto como pura decodificação ou tradução, mas sim a interação leitor-texto para se fazer o sentido final de forma conjunta.

Entendendo que a língua é viva e complexa, aprender um idioma estrangeiro demanda empenho e dedicação, e utilizar mecanismos que facilita esse processo é de grande ajuda para professores e alunos em sala de aula. Tendo em vista que a questão do ensino de língua estrangeira no Brasil já é uma questão difícil, a leitura, que na verdade, tecnicamente, já faz parte da maioria dos métodos de ensino de LE, precisa ser mais bem aproveitada em sala de aula. É preciso, então, um aprofundamento do assunto para uma melhoria no ensino, não apenas no ensino de línguas, mas na docência em geral, para que o objetivo final, que é o crescimento do aluno, seja alcançado.

#### REFERÊNCIAS

BRITO, Danielle Santos. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **REVELA**. Praia Grande, SP:ano 4, n.5, jun. 2010.

CARMAGNANI, Anna Maria. **A contribuição do ensino de leitura em língua estrangeira na escola de 1º e 2º Graus**. Florianópolis, SC: Perspectiva, ano 4, n.8, p.52-58, jan/jun.1987.

COSTA-HÜBES, T. da C; BARREIROS, R. C. (2014). Concepções e capacidades de leitura para o letramento. *In*: COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição *et al.* (Orgs.). **Descritores da Prova Brasil (5º ano)**: estudos e proposições didáticas. pp. 19-42, São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

EDELHOFF, Christoph. *Authentizität im Fremdsprachenunterricht*. In: EDELHOFF, Christoph (org.). **Authentische Texte Im Deutschunterricht: Einführung und Unterrichtsmodelle**. Munique: Hueber, 1985, p. 5-30.

FINARDI, Livia Melina; PINHEIRO, Kyria Rebeca; PORCINO, Maria Carolina. Políticas linguísticas e ensino de línguas minoritárias e majoritárias no Brasil: o caso do pomerano e do inglês como línguas estrangeiras. **EntreLínguas**. V. 5, n. 1, p. 121-141, jan./jun. 2019

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. p. 9-14

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1985.

GOODMAN, Kenneth S. O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MENEGASSI, Renilson José. O leitor e o processo de leitura. In: GRECO, Eliana Alves; GUIMARÃES, Tânia Braga (Orgs.). **Leitura: compreensão e interpretação de textos em Língua Portuguesa**. Maringá: EDUEM, 2010, p.35-59.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*, **APLIESP**, n. 4, p. 13-24, 1999.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de Segunda Língua**. São Paulo: Parábola, 2014.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. O lugar da leitura na aula de língua estrangeira. **Vertentes**. n. 16, p.24-29, jul/dez, 2000.

PASTOR, Marta Sanz. **El lugar de la literatura en la enseñanza del español: perspectivas y propuestas**, 2006.

PCNs. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais, 2006. Disponível online:  
[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf). Acesso em: 25 mai. 2022.

ROSAFA, Ana Paula Barbosa. Reflexões sobre a leitura: da importância ao incentivo. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, **Anais**. Londrina: UEL, 2012, p. 1434-1447. Disponível em:  
<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/projetoseducacionais/reflexoessobrealeitura.pdf> Acesso em: 25 mai. 2022.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conhecimento e cidadania**: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda? Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Mariana Kuntz de Andrade e. Autenticidade de materiais e ensino de línguas estrangeiras. **Pandaemonium**. São Paulo: v. 20, n.31, julho-ago.2017, p.1-29

SCHLATTER, Margarete. O ensino de língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento. **Calidoscópio**. Vol. 7, n.1, p.11-23, 2009